

O Livro de Urântia

<< [Documento 154](#) | [Partes](#) | [Índice](#) | [Documento 156](#) >>

Documento 155

A Escapada Pelo Norte da Galiléia

155:0.1 (1725.1) LOGO depois de aportar perto de Queresa, nesse domingo agitado, Jesus e os vinte e quatro rumaram um pouco para o norte, onde passaram a noite em um belo parque ao sul de Betsaida-Júlias. Estavam ambientados com esse local de acampamento, tendo estado lá em dias passados. Antes de se retirar para dormir, o Mestre reuniu os seus seguidores em torno de si e discutiu com eles sobre os planos para o projeto da campanha que fariam em Batanea, pelo norte da Galiléia e pela costa fenícia.

1. Por Que os Pagãos se Enfurecem?

155:1.1 (1725.2) Disse Jesus: “Deveríeis todos lembrar de como o salmista falou dessas épocas, dizendo: ‘Por que se enfurecem os

pagãos e os povos conspiram em vão? Os reis da Terra coroam-se a si próprios; e os governantes do povo fazem conselhos, entre si, contra o Senhor e seus consagrados, dizendo: Façamos as correntes da misericórdia em pedaços e livremo-nos dos laços do amor’.

155:1.2 (1725.3) “Hoje vedes que isso se cumpre, diante dos vossos olhos. Mas não vereis cumprido o restante da profecia do salmista, pois ele manteve idéias errôneas sobre o Filho do Homem e sua missão na Terra. O meu Reino funda-se no amor, é proclamado na misericórdia e é estabelecido por meio do serviço não-egoísta. Meu Pai não se assenta no céu, rindo em menosprezo dos pagãos. Ele não fica irado, no seu grande desprazer. Verdadeira é a promessa de que o Filho terá por herança todos os chamados pagãos (na realidade os seus irmãos ignorantes e sem instrução). E eu receberei esses gentios com os braços abertos, cheios de misericórdia e afeto. Toda a bondade amorosa será mostrada aos chamados pagãos, não obstante a infeliz declaração registrada que insinua que o Filho triunfante ‘quebrá-los-á com um cilindro de ferro e os deixará em pedaços como a um vaso de argila’. O salmista exortou-vos a ‘servir ao Senhor com temor’ — e eu vos conclamo a aceitar os privilégios elevados da filiação divina por meio da fé; ele vos comanda que rejubileis com tremores; eu vos conclamo a rejubilar-vos na certeza. Ele diz: ‘Beijai o Filho, para que ele não fique com raiva, e para que não pereçais quando a sua ira for inflamada’. E vós que vivestes comigo, bem sabeis que a raiva e a ira não são uma parte do estabelecimento do Reino do céu, nos corações dos homens. Mas o salmista apercebeu-se da verdadeira luz quando,

ao terminar a sua exortação, disse: ‘Abençoados aqueles que põem a sua confiança neste Filho’”.

155:1.3 (1725.4) Jesus continuou a ensinar aos vinte e quatro, dizendo: “Os pagãos não ficam sem uma desculpa, quando se enfurecem conosco. Sendo pequeno e estreito, o seu ponto de vista leva-os a serem capazes de concentrar as suas energias entusiasticamente. A sua meta está bem próxima deles e é mais ou menos visível, razão pela qual os seus esforços são valentes e a sua execução é eficiente. Vós, que tendes professado a entrada no Reino do céu, sois de todo vacilantes demais, e indefinidos, ao conduzirdes os vossos ensinamentos. Os pagãos dão golpes diretos para conseguir os seus objetivos; vós sois culpados por possuírem demasiadas aspirações crônicas. Se desejardes entrar no Reino, por que não o tomar em um assalto espiritual, tal como os pagãos tomam uma cidade à qual eles sitiavam? Dificilmente sereis dignos do Reino se o vosso serviço consistir tão primariamente em uma atitude de lamentar o passado, em queixumes quanto ao presente e em esperanças vãs para o futuro. Por que os pagãos se enfurecem? Porque não conhecem a verdade. E vós, por que enlaguescei-vos em desejos fúteis? Porque não sabeis *obedecer* à verdade. Cessai com os vossos anseios inúteis e ide em frente, com braveza, fazendo aquilo que diz respeito ao estabelecimento do Reino.

155:1.4 (1726.1) “Em tudo que fizerdes, não vos torneis nunca unilaterais nem excessivamente especializados. Os fariseus buscam verdadeiramente a nossa destruição, com isso pensam estar fazendo o serviço de Deus. E tornaram-se estreitos, por tradição, tanto que

estão cegos pelo preconceito e endurecidos pelo medo. Considerai os gregos, eles têm uma ciência sem religião, enquanto os judeus ficam com uma religião desprovida de ciência. E, se os homens agem assim, aceitando erroneamente uma desintegração estreita e confusa da verdade, a sua única esperança de salvação é tornarem-se coordenados face à verdade — convertendo-se.

155:1.5 (1726.2) “Deixai que eu afirme enfaticamente a verdade eterna seguinte: Se vós, por uma coordenação com a verdade, aprenderdes a dar o exemplo, nas vossas vidas, dessa magnífica integridade de retidão, os vossos semelhantes humanos, então, vos seguirão para poder obter o que vós adquiristes desse modo. A medida pela qual os buscadores da verdade são atraídos para vós representa a medida do vosso dom de verdade, a vossa retidão. A escala, na qual vós tendes de vos delongar na vossa mensagem ao povo, de um certo modo, é a medida da vossa incapacidade de viver a vida reta e íntegra, a vida coordenada em relação à verdade”.

155:1.6 (1726.3) E muitas outras coisas o Mestre ensinou aos seus apóstolos e evangelistas, antes que eles lhe dessem boa-noite e fossem descansar nos seus travesseiros.

2. Os Evangelistas em Corazim

155:2.1 (1726.4) Na segunda-feira, 23 de maio pela manhã, Jesus ordenou a Pedro que fosse a Corazim com os doze evangelistas; nisso, junto com os outros onze, partiram todos para Cesaréia-Filipe,

pelo caminho do Jordão, pela via Damasco-Cafarnaum, e dali para o nordeste, até a junção com a estrada de Cesaréia-Filipe, e então, entrando naquela cidade, lá permaneceram ensinando por duas semanas. Ali chegaram durante a tarde de terça-feira, 24 de maio.

155:2.2 (1726.5) Pedro e os evangelistas permaneceram em Corazim por duas semanas, pregando o evangelho do Reino a um pequeno, mas fervoroso, grupo de crentes. Porém, eles não se viram capazes de conquistar muitos novos convertidos. Nenhuma cidade em toda a Galiléia rendeu tão poucas almas para o Reino, quanto Corazim. De acordo com as instruções de Pedro, os doze evangelistas pouco mencionaram sobre as curas — e as coisas físicas — pois pregavam e ensinavam mais vigorosamente as verdades espirituais do Reino do céu. Nessas duas semanas Corazim constituiu-se em um verdadeiro batismo na adversidade para os doze evangelistas, pois foi o período mais difícil e improdutivo das suas carreiras até esse momento. Estando assim privados da satisfação de conquistar almas para o Reino, cada um deles, mais sincera e honestamente, avaliou-se dentro da própria alma confiando no seu progresso no caminho espiritual da nova vida.

155:2.3 (1726.6) Quando parecia que ninguém mais estava disposto a procurar entrar no Reino, na terça-feira, 7 de junho, Pedro reuniu os discípulos e partiu para Cesaréia-Filipe no intuito de juntar-se a Jesus e aos apóstolos. Eles chegaram por volta do meio-dia, na quarta-feira, e passaram toda a noite contando sobre as experiências com os incrédulos de Corazim. Durante as conversas dessa noite Jesus fez outra referência à parábola do semeador e ensinando a eles,

com isso, bastante sobre o significado dos aparentes fracassos nos empreendimentos da vida.

3. Em Cesaréia-Filipe

155:3.1 (1727.1) Embora Jesus não haja feito nenhum trabalho público durante essas duas semanas de permanência perto de Cesaréia-Filipe, os apóstolos tiveram numerosos encontros calmos, à noite, na cidade, e muitos dos crentes vieram até o acampamento, para falar com o Mestre. Pouquíssimas almas foram acrescentadas ao grupo de crentes em consequência dessa visita. Jesus falava com os apóstolos todos os dias, e eles discerniram com mais clareza que uma nova fase do trabalho de pregação do Reino do céu agora estava tendo início. Eles estavam começando a compreender que o “Reino do céu não é comer e beber, mas, sim, realizar a alegria espiritual da aceitação da divina filiação”.

155:3.2 (1727.2) A permanência em Cesaréia-Filipe foi um teste real para os onze apóstolos; foi um período difícil, de duas semanas, que viveram. Eles estavam ainda deprimidos, sentindo falta do estímulo periódico da personalidade entusiástica de Pedro. Nesses momentos, era verdadeiramente uma grande aventura de provações acreditar em Jesus e continuar seguindo-o. Embora tenham convertido poucas pessoas durante essas duas semanas, eles aprenderam muitas coisas que seriam de bastante proveito, das conferências diárias com o Mestre.

155:3.3 (1727.3) Os apóstolos aprenderam que os judeus estavam espiritualmente estagnados e moribundos, porque eles haviam cristalizado a verdade em um credo; pois, quando a verdade é formulada como sendo uma linha limite de exclusividade, útil para que uns se considerem mais virtuosos do que os outros, em vez de servir como uma indicadora de norteamento para o progresso espiritual, esses ensinamentos perdem seu poder criativo e provedor da vida e passam a ser meramente conservadores da fossilização.

155:3.4 (1727.4) Cada vez mais, de Jesus, eles aprendiam a olhar as personalidades humanas em termos das suas possibilidades no tempo e na eternidade. Eles aprendiam que muitas almas poderão ser levadas a melhor amar a um Deus não visível se lhes for ensinado primeiro a amar os seus irmãos, os quais eles podem ver. E foi em relação a isso que um novo significado tornou-se ligado ao pronunciamento do Mestre a respeito do serviço não-egoísta para o semelhante: “Na mesma medida, o que fizerdes ao menor dos meus irmãos, a mim é que o fareis”.

155:3.5 (1727.5) Uma das grandes lições dessa estada em Cesaréia teve a ver com a origem das tradições religiosas, com o grave perigo de permitir o senso do sagrado de tornar-se vinculado a coisas não sagradas, às idéias comuns, ou aos acontecimentos cotidianos. Convictos ficaram todos, depois de uma certa conferência, com o ensinamento sobre a verdadeira religião, de que esta é, para o homem, a lealdade sincera às suas convicções mais elevadas e verdadeiras.

155:3.6 (1727.6) Jesus advertiu aos seus crentes de que, se as suas aspirações religiosas fossem apenas materiais, um conhecimento crescente da natureza iria, por um deslocamento progressivo da origem sobrenatural das coisas, em última instância, privá-los da sua fé em Deus. Mas que, se a sua religião fosse espiritual, nunca, o progresso da ciência física perturbaria a sua fé colocada nas realidades eternas e nos valores divinos.

155:3.7 (1727.7) Eles aprenderam que, quando a religião tem motivos totalmente espirituais, ela faz toda a vida melhor e mais digna de ser vivida, preenchendo-a com propósitos elevados, dignificando-a com valores transcendentais, inspirando-a com motivos magníficos e, ao mesmo tempo, confortando a alma humana com uma esperança sublime e sustentadora. A verdadeira religião destina-se a diminuir as forças extenuantes da existência; ela libera a fé e a coragem para a vida cotidiana e para o serviço não-egoísta. A fé fomenta a vitalidade espiritual e a fecundidade da retidão.

155:3.8 (1727.8) Jesus ensinou repetidamente aos seus apóstolos que nenhuma civilização poderia sobreviver por muito tempo à perda do melhor na sua religião. E ele nunca se cansou de apontar aos doze o grande perigo de se aceitar símbolos e cerimônias religiosas em lugar da experiência religiosa. Toda a sua vida terrena foi devotada consistentemente à missão de reaquecer as formas congeladas de religião, emprestando-lhes as liberdades líquidas da filiação esclarecida.

4. A Caminho da Fenícia

155:4.1 (1728.1) Na quinta-feira, 9 de junho pela manhã, após receber a notícia a respeito dos progressos do Reino, trazida pelos mensageiros de Davi vindos de Betsaida, esse grupo, de vinte e cinco instrutores da verdade, deixou Cesaréia-Filipe para iniciar a sua viagem à costa fenícia. Eles contornaram a parte pantanosa pelo caminho de Luz, até o ponto de junção com a trilha de Magdala-monte Líbano, e daí seguiram para o cruzamento com a estrada que leva a Sidom, chegando lá na sexta-feira à tarde.

155:4.2 (1728.2) Enquanto paravam para o almoço, à sombra de uma saliência de rocha, perto de Luz, Jesus fez um dos pronunciamentos mais notáveis que os seus apóstolos jamais haviam ouvido durante todos os anos da sua ligação com ele. Tão logo se sentaram para partir o pão, Simão Pedro perguntou a Jesus: “Mestre, já que o Pai no céu sabe de todas as coisas, e já que o espírito Dele é a nossa sustentação, no estabelecimento do Reino do céu na Terra, por que é que estamos fugindo das ameaças dos nossos inimigos? Por que nos negamos a confrontarmo-nos com os inimigos da verdade?” Mas antes de Jesus iniciar a sua resposta à pergunta de Pedro, Tomé irrompeu, perguntando: “Mestre, eu realmente gostaria de saber o que há exatamente de errado com a religião dos nossos inimigos em Jerusalém. Qual é a diferença real entre a religião deles e a nossa? Por que é que temos essa divergência de crença quando todos nós professamos servir ao mesmo Deus?” E quando Tomé terminou,

Jesus disse: “Conquanto não queira eu ignorar a pergunta de Pedro, sabendo muito bem quão fácil seria interpretar mal as minhas razões para evitar um conflito aberto com os chefes dos judeus, neste momento, ainda assim, revelar-se-ia de maior ajuda para todos se eu escolhesse responder à pergunta de Tomé. E é isso que farei assim que tiverdes terminado o vosso almoço”.

5. O Discurso sobre a Verdadeira Religião

155:5.1 (1728.3) Esse discurso memorável sobre a religião, resumido e reformulado em linguagem moderna, deu expressão às verdades seguintes:

155:5.2 (1728.4) As religiões do mundo têm duas origens — a natural e a da revelação — em qualquer época e em meio a qualquer povo podem ser encontradas três formas distintas de devoção religiosa. E estas três manifestações do impulso religioso são:

155:5.3 (1728.5) 1. *A religião primitiva.* O impulso seminatural e instintivo de temer as energias misteriosas e de adorar as forças superiores; principalmente em uma religião da natureza física; é a religião do medo.

155:5.4 (1728.6) 2. *A religião da civilização.* Os conceitos e as práticas religiosas, em avanço, das raças civilizadas — a religião da mente — ,

a teologia intelectual cuja autoridade é a tradição religiosa já preestabelecida.

155:5.5 (1728.7) 3. *A verdadeira religião — a religião da revelação.* A revelação dos valores supranaturais, uma visão com um discernimento parcial das realidades eternas, um vislumbre da bondade e da beleza do caráter infinito do Pai no céu — a religião do espírito, tal como fica demonstrada na experiência humana.

155:5.6 (1729.1) O Mestre recusou-se a depreciar a religião dos sentidos físicos e dos medos supersticiosos do homem natural, embora deplorasse o fato de que tanto dessa forma primitiva de adoração perdurasse nas formas de religiões das raças mais inteligentes da humanidade. Jesus deixou claro que a grande diferença entre a religião da mente e a religião do espírito é que, enquanto a primeira é sustentada pela autoridade eclesiástica, a última é totalmente baseada na experiência humana.

155:5.7 (1729.2) E, então, o Mestre, no seu momento de ensinar, continuou deixando claras as seguintes verdades:

155:5.8 (1729.3) Até que as raças se tornem altamente inteligentes e mais amplamente civilizadas, persistirão muitas dessas cerimônias infantis e supersticiosas, que são tão características das práticas da religião evolucionária dos povos primitivos e retrógrados. Enquanto a raça humana progride até o nível de um reconhecimento mais elevado e mais geral das realidades da experiência espiritual, uma grande quantidade de homens e mulheres continuará a demonstrar

uma preferência pessoal por aquelas religiões autoritárias, que exigem apenas um consentimento intelectual. A religião do espírito, ao contrário, requer uma participação ativa da mente e da alma na aventura da fé, no corpo a corpo com as realidades rigorosas da experiência humana progressiva.

155:5.9 (1729.4) A aceitação das religiões tradicionais, de autoridade, apresenta uma saída fácil para a urgência que o homem tem de buscar satisfação para os anseios da sua natureza espiritual. As religiões estabelecidas, cristalizadas e bem assentadas na autoridade, proporcionam um refúgio pronto, para dentro do qual a alma desatenta e perturbada do homem pode escapar, quando fustigada pelo medo e atormentada pela incerteza. Uma tal religião solicita dos seus devotos, como preço a ser pago pelas satisfações e seguranças oferecidas, apenas um consentimento passivo e puramente mental ou intelectual.

155:5.10 (1729.5) E por muito tempo ainda viverão na Terra, esses indivíduos temerosos, hesitantes e acomodados que preferirão assegurar assim as suas consolações religiosas, ainda que, arriscando a sorte com as religiões de autoridade, comprometam a soberania da personalidade, degradem a dignidade do respeito próprio e renunciem totalmente ao direito de participar da mais emocionante e inspiradora de todas as experiências humanas possíveis: A busca pessoal da verdade, a alegria de encarar os perigos da descoberta mental, a determinação para explorar as realidades da experiência religiosa pessoal, a satisfação suprema de experienciar o triunfo pessoal da realização factual no triunfo da fé espiritual sobre a

dúvida intelectual, do modo como honestamente são conquistados na aventura suprema de toda a existência humana — o homem buscando a Deus, para si próprio e por si próprio, e encontrando-O.

155:5.11 (1729.6) A religião do espírito significa esforço, luta, conflito, fé, determinação, amor, lealdade e progresso. A religião da mente — a teologia baseada na autoridade — requer pouco ou nenhum desses exercícios dos seus crentes formais. A tradição é um refúgio seguro e um caminho fácil para as almas temerosas e acanhadas, que instintivamente evitam as lutas espirituais e as incertezas mentais associadas às viagens da fé, às aventuras ousadas no alto-mar da verdade inexplorada e em busca das margens distantes de realidades espirituais. Essas realidades espirituais podem ser descobertas pela mente humana em progresso, e experimentadas pela alma humana em evolução.

155:5.12 (1729.7) E Jesus continuou dizendo: “Em Jerusalém os líderes religiosos formularam as várias doutrinas dos seus instrutores tradicionais e dos profetas de outras épocas, dentro de um sistema estabelecido de crenças intelectuais, em uma religião autoritária. O apelo de todas essas religiões dirige-se, sobretudo, à mente. E, agora, estamos para entrar em um conflito mortal com tal religião, pois iremos muito em breve começar a proclamação ousada de uma nova religião — uma religião que não é uma religião no sentido atualmente dado a essa palavra, uma religião que faz o seu apelo principal ao espírito divino do meu Pai, residente na mente do homem; uma religião que tirará a sua autoridade dos frutos da sua aceitação; e

esses frutos irão certamente aparecer na experiência pessoal de todos aqueles que, real e verdadeiramente, tornarem-se os apoiadores e crentes das verdades dessa comunhão espiritual mais elevada”.

155:5.13 (1730.1) E, apontando para cada um dos vinte e quatro, e chamando-os pelo nome, Jesus disse: “E, agora, qual de vós preferiria tomar esse caminho fácil, conformando-se com uma religião estabelecida e fossilizada, como a que é defendida pelos fariseus em Jerusalém, a sofrer as dificuldades e perseguições que virão juntas com a missão de proclamar um caminho melhor de salvação para os homens, podendo, nesse caminho, experimentar a satisfação de descobrir por vós mesmos as belezas das realidades de uma experiência viva e pessoal, as verdades eternas e a grandiosidade suprema do Reino do céu? Será que sois amedrontados e moles; será que buscais coisas fáceis? Estais com medo de confiar o vosso futuro nas mãos do Deus da verdade do qual sois filhos? Estais desconfiados do Pai, cujos filhos sois vós? Será que ireis voltar ao caminho fácil da certeza e da acomodação intelectual, na religião da autoridade tradicional, ou ireis preparar-vos para ir à frente comigo, até aquele futuro incerto e turbulento, da proclamação das novas verdades da religião do espírito, o Reino do céu nos corações dos homens?”

155:5.14 (1730.2) Todos os vinte e quatro ouvintes puseram-se de pé, com a intenção de querer dar uma resposta unânime de lealdade, a esse apelo emocional de Jesus, como jamais o fizera a eles. E Jesus levantou a sua mão e impediu-os, dizendo: “Ide agora, cada um por si, cada homem a sós com o Pai; e encontraí uma resposta não

emocional para a minha pergunta e, pois, havendo encontrado uma atitude verdadeira e sincera de alma, disse a vossa resposta livre e ousadamente ao meu Pai e vosso Pai, cuja vida infinita de amor é o espírito mesmo da religião que proclamamos”.

155:5.15 (1730.3) Os evangelistas e os apóstolos separaram-se, por um curto espaço de tempo. Os seus espíritos ficaram elevados, as suas mentes inspiradas e as suas emoções tornaram-se poderosamente agitadas, por tudo o que Jesus havia dito. Mas quando André os chamou para reunirem-se, o Mestre apenas disse: “Vamos retomar a nossa viagem. Iremos para a Fenícia, onde permaneceremos um pouco, e todos vós deveríeis orar para que o Pai transforme as vossas emoções do corpo e da mente, nas lealdades mais elevadas da mente e nas experiências mais satisfatórias do espírito”.

155:5.16 (1730.4) Quando viajavam estrada abaixo, os vinte e quatro permaneceram em silêncio, mas em breve começaram a falar uns com os outros, e, às três horas daquela tarde, não conseguindo ir adiante, então pararam; e Pedro, indo até Jesus, disse: “Mestre, tu nos disseste as palavras da vida e da verdade. Nós gostaríamos de ouvir mais; nós te suplicamos que nos fales mais a respeito dessas questões”.

6. O Segundo Discurso sobre a Religião

155:6.1 (1730.5) E, assim, enquanto estavam parados à sombra da encosta, Jesus continuou a ensinar-lhes a respeito da religião do

espírito, dizendo em essência:

155:6.2 (1730.6) Vós viestes de entre os vossos companheiros que escolheram permanecer satisfeitos com uma religião da mente; eles almejam a segurança e preferem o conformismo. Vós escolhesteis trocar os sentimentos, da certeza autoritária, pela segurança do espírito, que vem da fé cheia de audácia e progressão. Ousastes protestar contra a pegajosa prisão da religião institucionalizada e rejeitar a autoridade das tradições escritas, que estão agora sendo consideradas como a palavra de Deus. O nosso Pai, de fato, falou por intermédio de Moisés, Elias, Isaías, Amós e Oséias, mas Ele não cessou de ministrar palavras de verdade ao mundo, quando esses profetas antigos colocaram um ponto final nas suas afirmações. Meu Pai não tem preferências por raças, nem por gerações, no sentido de que a palavra da verdade seja condescendida a uma idade e contida em uma outra. Não cometaís a loucura de chamar de divino àquilo que é totalmente humano, e não deixeis de perceber as palavras da verdade, ainda que não provindas dos oráculos tradicionais de suposta inspiração.

155:6.3 (1731.1) Eu vos convoquei a nascer de novo, a nascer do espírito. Eu vos tirei das trevas do autoritarismo, da letargia da tradição, para a luz transcendente da realização da possibilidade de fazerdes, para vós próprios, a maior descoberta que é possível à alma humana realizar — a experiência superna de encontrar Deus para vós próprios, dentro de vós próprios e por vós próprios; e de fazerdes a

tudo isso, como um acontecimento na vossa própria experiência pessoal. E, assim, podereis passar da morte para a vida, do autoritarismo da tradição para a experiência de conhecer a Deus; assim vós passareis das trevas à luz, de uma fé racial herdada a uma fé pessoal conquistada pela experiência real. E, por meio disso, ireis progredir, de uma teologia da mente, passada a vós pelos vossos ancestrais, a uma verdadeira religião do espírito, que será edificada nas vossas almas como um dom eterno.

155:6.4 (1731.2) A vossa religião passará da mera crença intelectual na autoridade tradicional, para a experiência factual da fé viva, capaz de captar a realidade de Deus e tudo o que está relacionado ao espírito divino do Pai. A religião da mente vos vincula irremediavelmente ao passado; a religião do espírito consiste na revelação progressiva e vos conclama a realizações mais elevadas e mais santificadas, de ideais espirituais e de realidades eternas.

155:6.5 (1731.3) Conquanto a religião da autoridade possa comunicar um sentimento presente de segurança estabelecida; por essa satisfação transitória, vós pagais o preço da perda da vossa liberdade espiritual e da liberdade religiosa. Meu Pai não exige de vós, como preço de entrada no Reino do céu, que devêsseis forçar- vos a aceitar uma crença em coisas que são espiritualmente repugnantes, profanas e não verdadeiras. Não é exigido de vós que o vosso próprio senso de misericórdia, justiça e verdade devesse ser ultrajado pela submissão a um sistema de formas religiosas e de cerimoniais passadiços. A religião do espírito vos deixa sempre livres para seguir a verdade até onde quer que o vosso espírito vos possa conduzir. E quem pode

julgar isso — talvez esse espírito tenha alguma coisa a comunicar a essa geração, que outras gerações tenham recusado-se a escutar?

155:6.6 (1731.4) Que vergonha que aqueles falsos instrutores religiosos arrastem as almas famintas de volta ao passado, distante e obscuro, e que lá as deixem! E assim essas pessoas desafortunadas ficam condenadas a tornar-se amedrontadas frente a todas as novas descobertas, a desconcertar-se com toda a nova revelação da verdade. O profeta que disse: “Aquele cuja mente permanece com Deus será mantido em perfeita paz”, não era um mero crente intelectual da teologia autoritária. Esse ser humano, conhecedor da verdade, havia descoberto a Deus; ele não estava meramente falando de Deus.

155:6.7 (1731.5) Eu aconselho-vos a desistir da prática de sempre citar os profetas de outrora e de louvar os heróis de Israel; em vez disso, aconselho que aspireis a tornar-vos os profetas vivos do Altíssimo e heróis espirituais do Reino que virá. Honrar os líderes conhecedores de Deus, do passado, pode de fato valer a pena, mas por que, ao fazer isso, deveis sacrificar a experiência suprema da existência humana: encontrar Deus por vós próprios e conhecê-Lo dentro das vossas próprias almas?

155:6.8 (1732.1) Cada raça da humanidade tem a sua própria abordagem mental da existência humana; e, pois, a religião da mente deve sempre ser fiel a esses vários pontos de vista raciais. As religiões autoritárias nunca podem chegar à unificação. A unidade humana e a fraternidade entre os mortais somente podem ser alcançadas por meio da supradotação dada pela religião do espírito. As mentes

podem diferir racialmente, mas toda a humanidade é residida pelo mesmo espírito divino e eterno. A esperança da irmandade humana só pode ser realizada quando, e à medida que, as religiões mentais autoritárias divergentes tornarem-se impregnadas e ofuscadas pela religião unificadora e enobrecedora do espírito — a religião da experiência espiritual pessoal.

155:6.9 (1732.2) As religiões da autoridade só podem dividir os homens e arregimentá-los em frentes conscientes uns contra os outros; a religião do espírito, progressivamente, congregará os homens e os levará a tornar-se compreensivos e compassivos uns para com os outros. As religiões autoritárias exigem dos homens uniformidade na crença, mas isso é impossível de ser alcançado no estado presente de coisas no mundo. A religião do espírito requer apenas unidade de experiência — uniformidade de destino — , permitindo a plena diversidade de crenças. A religião do espírito requer uniformidade apenas de visão interior, não uniformidade de ponto de vista nem de enfoque. A religião do espírito não requer uniformidade de ponto de vista intelectual, requer apenas a unidade dos sentimentos espirituais. As religiões da autoridade cristalizam-se em credos sem vida; a religião do espírito cresce em alegria e na liberdade dos feitos enobrecedores, no serviço do amor e na ministração da misericórdia.

155:6.10 (1732.3) Contudo, atenção, que nenhum dentre vós olheis com desdém aos filhos de Abraão, só porque eles caíram nesses maus tempos de esterilidade tradicional. Os nossos ancestrais entregaram-se à busca persistente e apaixonada de Deus, e eles encontraram-No, como nenhuma outra raça de homens jamais O conheceu desde os

tempos de Adão, que sabia muito a esse respeito, pois era ele próprio um Filho de Deus. O meu Pai não deixou de observar a luta longa e incansável de Israel, desde os dias de Moisés, para encontrar e conhecer a Deus. Durante muitas gerações os judeus não cessaram de trabalhar, de suar, sofrer, penar, suportar os sofrimentos e experimentar as tristezas de um povo incompreendido e desprezado, tudo para que pudessem chegar um pouco mais perto da descoberta da verdade sobre Deus. E, não obstante todos os fracassos e fraquezas de Israel, os nossos pais, progressivamente, desde Moisés aos tempos de Amós e Oséias, revelaram cada vez mais, a todo o mundo, uma imagem sempre mais clara e mais verdadeira do Deus eterno. E, assim, o caminho foi preparado para a revelação ainda maior do Pai, da qual vós fostes chamados a compartilhar.

155:6.11 (1732.4) Jamais esqueçais de que só há uma aventura que pode ser mais satisfatória e emocionante do que tentar descobrir a vontade do Deus vivo, e essa é a experiência suprema de tentar honestamente fazer a vontade divina. E não deixeis de lembrar-vos de que a vontade de Deus pode ser feita, em qualquer ocupação terrena. Não há vocações que sejam santas e vocações que sejam seculares. Todas as coisas são sagradas, nas vidas daqueles que são guiados pelo espírito; isto é, subordinados à verdade, enobrecidos pelo amor, dominados pela misericórdia, e controlados pela equanimidade — a justiça. O espírito que o meu Pai e eu enviaremos ao mundo não é apenas o Espírito da Verdade, mas é também o espírito da beleza idealista.

155:6.12 (1732.5) Deveis cessar de buscar a palavra de Deus apenas nas páginas dos registros antigos de autoridade teológica. Aqueles, dentre vós, que nasceram do espírito de Deus irão, doravante, discernir a palavra de Deus, independentemente de onde ela pareça ter origem. Não há que se depreciar a verdade divina pelo fato de ser aparentemente humano o canal usado para a sua apresentação. Muitos dos vossos irmãos têm mentes que aceitam a teoria de Deus, enquanto espiritualmente deixam de compreender a presença de Deus. E essa é exatamente a razão pela qual eu vos tenho tão freqüentemente ensinado que o Reino do céu pode ser mais bem compreendido, se adquirirdes a atitude espiritual sincera de uma criança. Não é a imaturidade mental da criança o que eu vos recomendo, é mais a *simplicidade espiritual* desse pequeno ser, a sua facilidade de crer e a confiança plena dele. Não é tão importante que devêsseis considerar o fato da existência de Deus; mais importante é que cresçais na capacidade de *sentir a presença de Deus*.

155:6.13 (1733.1) Quando principiardes a encontrar Deus na vossa alma, em breve vós começareis a descobri-Lo nas almas dos outros homens e, finalmente, em todas as criaturas e criações de um poderoso universo. Mas que chance tem o Pai de aparecer como um Deus de lealdades supremas, e de ideais divinos, nas almas de homens que pouco ou nenhum tempo dedicam à contemplação reflexiva de tais realidades eternas? Se bem que a mente não seja o assento da natureza espiritual, a mente é de fato o portal para essa natureza espiritual.

155:6.14 (1733.2) Não cometais, contudo, o erro de tentar provar a outros homens que vós encontrastes Deus; vós não podeis conscientemente gerar uma prova válida para tal, se bem que existam duas demonstrações positivas e poderosas do fato de que vós sois conhecedores de Deus, e elas são:

155:6.15 (1733.3) 1. Os frutos do espírito de Deus, que se mostram na rotina diária da vossa vida.

155:6.16 (1733.4) 2. O fato de todo o plano da vossa vida fornecer uma prova positiva de que vós tendes, sem reservas, arriscado tudo o que sois e que possuís, na aventura da sobrevivência após a morte, na busca da esperança de encontrar o Deus da eternidade, cuja presença vós provastes antecipadamente no tempo.

155:6.17 (1733.5) Agora, não vos equivoqueis, o meu Pai responderá sempre à mais débil chama de fé. Ele toma nota das emoções físicas e supersticiosas do homem primitivo. E com essas almas honestas, mas temerosas, cuja fé é tão fraca que não é senão um pouco mais do que a conformidade intelectual de uma atitude passiva de consentimento às religiões autoritárias, o Pai está sempre alerta para honrar e fomentar até mesmo todas essas fracas tentativas de alcançá-Lo. Mas de vós, que fostes chamados, da escuridão para a luz, é esperado que creiais de todo o coração; a vossa fé irá dominar as atitudes combinadas do corpo, da mente e do espírito.

155:6.18 (1733.6) Sois os meus apóstolos e, para vós, a religião não se transformará em um abrigo teológico, até o qual podeis fugir com medo de enfrentar as duras realidades do progresso espiritual e da

aventura idealista; mas a vossa religião irá transformar-se, mais, no fato da experiência real a testificar que Deus vos encontrou, vos idealizou, vos enobreceu e vos espiritualizou, e que vos alistastes já na aventura eterna de encontrar esse mesmo Deus, que já vos encontrou e vos filiou.

155:6.19 (1733.7) E quando Jesus terminou de falar, fez um sinal a André e, apontando para o oeste, para a Fenícia, disse: “Sigamos, pois, o nosso caminho”.